
A violência contra jornalistas como notícia regional e nacional: a exibição do ataque a uma equipe de TV em Barbacena no MG2 e no Hora 1¹

Gabriel Landim de SOUZA²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Se por muito tempo o Jornalismo foi responsável por narrar conflitos, agora é parte daqueles noticiados em telas. Jornalistas têm sido, constantemente, alvos de agressão e passaram a ser, com mais frequência, personagens das matérias telejornalísticas. A violência contra os profissionais do jornalismo é estimulada em discursos que circulam no mundo virtual e que tensionam a credibilidade do jornalismo televisivo. Na tela da TV tais conflitos são narrados conforme a Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, 2012), em cenário que serve de moldura à proposta do artigo. Por meio da análise da materialidade audiovisual (AMA) busca-se compreender a cobertura nos telejornais MG2 e Hora 1 de um episódio de agressão sofrido em Barbacena por uma equipe de reportagem da TV Integração, afiliada da TV Globo.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; audiovisual; violência; jornalismo local; rede.

Introdução

De acordo com o último Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em 2020 o país registrou 428 casos de ataques a esses profissionais, o que representa um aumento de 105,77% em relação a 2019. Nesta estatística, está o episódio vivenciado pela equipe de reportagem da TV Integração Afiliada da TV Globo em Barbacena, no Campo das Vertentes de Minas Gerais. A repórter e o cinegrafista faziam uma reportagem relacionada à pandemia da Covid-19, quando foram atacados verbalmente por um interlocutor nas ruas do município mineiro. Em seguida, o repórter cinematográfico foi

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, do XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Jornalista na TV Integração Afiliada Globo. E-mail: gabriellandim@outlook.com.

³ Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Coordenadora do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Jornalista. E-mail: iluskac@globo.com.

agredido fisicamente, ficando ferido. O agressor, posteriormente identificado como empresário, foi preso. A ação foi filmada e repercutiu nos telejornais da própria emissora e na mídia nacional. A materialidade audiovisual, neste contexto, foi fundamental para que o caso ocupasse um espaço na trama audiovisual e fosse repercutido, também em telas, de alcance local e nacional.

O fato foi destaque, com diferentes abordagens, no telejornal regional MG2, da TV Integração, e, no dia seguinte, no primeiro noticioso diário da TV Globo: o Hora 1. Mas, se a TV Globo e suas Afiliadas seguem o mesmo padrão editorial de noticiabilidade, quais as diferenças evidentes na cobertura de um mesmo fato nos dois telejornais, em âmbitos local e nacional? Busca-se responder a essa questão por meio de pesquisa bibliográfica e da Análise da Materialidade Audiovisual, método proposto por Iluska Coutinho (2016 e 2018) e à luz do conceito teórico de Dramaturgia do Telejornalismo (COUTINHO, 2012).

Nesse artigo, destaca-se que o conflito tomado como objeto de reflexão, a agressão aos jornalistas no exercício de sua profissão, está diretamente ligado à relação estabelecida entre telespectadores e veículos de comunicação nos últimos anos. Com o crescimento do alcance da internet no país – presente em 79% dos lares brasileiros no ano de 2018, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – os atores sociais envolvidos no processo de consumo da informação não somente assistem à programação da TV, mas também passaram a ser potencialmente produtores e compartilhadores de conteúdo. O poder de circular uma informação não é mais centralizado nos meios tradicionais, mas os processos de validação e confiabilidade não são necessariamente compartilhados. Diferentes processos podem ter resultados distintos; o trabalho do jornalista é colocado em xeque. Tal descompasso entre avaliações têm resultado em conflitos, muitas vezes físicos, como aquele que resultou no episódio coberto nos telejornais tomados como objeto empírico nesse texto.

Da informação apurada ao conflito pela convicção

Sean Hagen (2008) defende que, com os olhos fixos do público, a TV não só define o que é notícia, mas se torna ela própria uma informação. Se o Brasil é (re)conhecido como a sociedade do telejornalismo, título de livro editado pela Rede

Telejor (2008), há cada vez maior circulação de mensagens valorativas sobre a cobertura noticiosa. Segundo Iluska Coutinho, Jhonatan Mata e Gustavo Pereira (2020, p. 22), “a questão da qualidade no jornalismo está diretamente associada ao grau de confiança nele como poder fiscalizador [...]”. A atuação dos telejornais como “quarto poder” com cada vez mais frequência se contrapõe a prática de outros atores sociais, mais ou menos interessados, que colocam em circulação narrativas, audiovisuais sobretudo, com pretensão de verdade e muitas vezes elaboradas de forma a mimetizar os fazeres telejornalísticos.

Tais discursos se assemelham ao que Patrick Charaudeau (2013) conceitua como “pós-verdade”, convicções que estariam acima da realidade, mas que circulam em seu lugar. Na pós-verdade, os fatos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e a crenças pessoais; as informações da pós-verdade carregam efeitos de verdade que “surgem da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo” (CHARADEAU, 2013, p.49). Entre esse desejo de verdade e a apuração jornalística instala-se um conflito, uma tensão entre quarto e quinto poderes conforme Coutinho, Mata e Pereira (2019, p. 77).

Importante destacar que grande parte destes conflitos são originados nas *fakenews* e impulsionados por elas. Mascaradas por valores-notícias e por componentes noticiosos utilizados pelos meios tradicionais, as notícias falsas ganharam espaço de propagação na internet. Quando determinada informação vai ao encontro das convicções próprias do indivíduo, atores sociais insatisfeitos com as notícias veiculadas pela TV, propagam materiais sem confirmação nas redes. Se o impulsionamento das *fakenews* pode provocar ainda mais o embate entre públicos de TV e Internet, para Wesley Muniz (2018), as notícias falsas podem gerar violência.

[...] a forma como usaremos a fofoca como artifício de informação [...] também é complexa, mesmo quando estamos lidando com fatores relacionados à violência, dos quais as fofocas ou boatos podem também induzir até mesmo comportamentos violentos ou, como percebemos, a violência em várias esferas. (MUNIZ,2018, p.369)

Neste contexto, o jornalista passa a correr risco nas ruas. Os protestos contra a TV não acontecem apenas na Internet, apesar de serem potencializados neste meio. Há quem

se manifeste até mesmo diante das câmeras da emissora. Agressores tomam à força o microfone dos repórteres e até danificam os equipamentos, mesmo ao alcance dos registros das câmeras e celulares. Iluska Coutinho (2016) lembra a tensão do trabalho dos jornalistas, registrando o estabelecimento de uma série de mudanças no processo de produção de protestos, por exemplo, para garantir a segurança das equipes, como retirada das canoplas⁴ dos microfones e o posicionamento dos profissionais em locais seguros.

Nos últimos três anos houve um tensionamento maior em direção aos profissionais da TV Globo, emissora acusada de contrariar as palavras do presidente Jair Bolsonaro. Essa “audiência agressiva” afirma que, durante a pandemia da Covid-19, a emissora tem produzido um alarmismo intencional na população ao mostrar hospitais lotados, número crescente de contaminados e vítimas fatais. A Globo também virou alvo de críticas por apoiar as recomendações de distanciamento social da Organização Mundial da Saúde. O discurso dos descontentes com essa orientação é o mesmo de Jair Bolsonaro, que considera a TV Globo sua "inimiga".

Esse é o cenário ou enquadramento contextual em que se analisa a ocorrência do episódio de agressão à equipe de reportagem da TV Integração, durante uma apuração no município de Barbacena, zona da mata mineira. O aporte teórico do estudo é a dramaturgia do telejornalismo, estrutura narrativa das notícias em televisão conforme Iluska Coutinho (2012).

A dramaturgia do telejornalismo: o conflito narrado nas telas da TV

A presença de um conflito, como o que foi apresentado, é o ponto de partida para a abordagem de uma matéria telejornalística, construída por meio de uma estrutura narrativa. Para Iluska Coutinho (2012), a existência de um conflito a ser mostrado seria um critério de noticiabilidade, valor-notícia, a ser considerado na seleção de temas que vão virar notícia no telejornal.

Além de orientar a seleção dos assuntos a serem transformados em matéria no telejornal, seria preferencialmente em torno desses conflitos sociais que se organizaria a cobertura, a notícia em televisão, convertida na tela também em conflito narrativo. (COUTINHO, 2012, p. 133)

⁴ Canoplas são acessórios utilizados nos microfones para identificar a emissora utilizando uma logomarca.

Estes conflitos contam com personagens, pessoas que nas telas vão dar sentido às histórias. Há papéis recorrentes, como os de vítimas, mocinhos e vilões. Os jornalistas costumam ser os narradores das histórias de outras pessoas, mas em um número cada vez mais frequente de casos, como na agressão sofrida pela equipe da TV Integração, se tornam também personagens da matéria. Neste caso, as narrativas apresentadas nas matérias telejornalísticas vão falar de vivências da própria emissora de TV e seus profissionais.

Quase sempre esses atores são apresentados de forma indireta, em um discurso autorreferente construído por meio dos textos de repórteres, seja na narração em off ou ainda preferencialmente nas passagens, que agregam à fala-texto o componente gestual e/ou dramático em seu sentido mais popular. (COUTINHO, 2012, p. 143)

Os mais diversos conflitos, como o que serve de análise neste artigo, são narrados na tela da TV, por meio dos telejornais, com a ajuda de recursos comuns às encenações teatrais. Desde a gestualidade, até os recursos de som, o texto e a fala do jornalista, são vários os elementos que ajudam a compor a narrativa. A dramaturgia do telejornalismo diz respeito à forma de organizar as informações nas telas, oferecendo aos telespectadores a oportunidade de acompanhar a representação da ação informativa, mas também dramática. Coutinho destaca a importância da materialidade audiovisual para a experiência do telespectador com a narrativa, pois “as boas imagens seriam capazes de transmitir mais do que apenas informações, experiências para os telespectadores, por meio de impacto visual e/ou emocional”. (COUTINHO, 2012, p. 89).

Importante ressaltar que a dramaturgia como estratégia narrativa não deve ser associada ao sensacionalismo, mas seria resultado de um modo específico de narrar, característico da linguagem televisiva e do telejornalismo. A cobertura jornalística do episódio de agressão nos telejornais MG2 e Hora 1, será analisada nessa perspectiva, a partir da dimensão narrativa do conflito na tela, evidenciando os personagens e papéis construídos no registro da violência sofrida pelos profissionais.

Telejornalistas agredidos: a cobertura local da violência à equipe de Barbacena

O episódio de agressão à equipe de reportagem da TV Integração em Barbacena, no Campo das Vertentes de Minas Gerais, ocorreu no dia 20 de maio de 2020. A repórter

Thaís Fullin e o cinegrafista Robson Panzera faziam a gravação de uma reportagem que tratava da investigação do Ministério Público sobre alunos da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (Epcar). Os estudantes estariam aquartelados, praticando atividades conjuntas dentro da instituição, mesmo com as aulas suspensas; parte destes estudantes teria sido infectada pelo coronavírus. Durante as gravações, um homem parou o carro próximo à equipe e começou a agredir verbalmente os jornalistas. Em seguida, ele saiu do veículo e avançou sobre o repórter cinematográfico Robson Panzera, tomou o equipamento de gravação e reagiu à tentativa do jornalista de recuperar o material. O cinegrafista tentou proteger os equipamentos de gravação, resguardando a câmera em uma mão e se protegendo do agressor com a outra. O homem conseguiu pegar o tripé e atingiu o cinegrafista com o equipamento. Em seguida, chutou a câmera e saiu do local. Todo o episódio teve imagens e sons gravados por meio do celular da repórter Thais Fullin. Por não ter sido alvo da agressão física, a jornalista conseguiu flagrar a violência cometida contra seu parceiro de equipe de externa (figura 1).

Figura 1 – Agressão ao cinegrafista e equipamento danificado após ataque



Fonte: Reprodução / GloboPlay / G1 Zona da Mata (2021)

Num momento em que a equipe de jornalismo passa a ser a notícia, e em que há uma ameaça na garantia do direito à informação, o episódio foi veiculado em diversos meios de comunicação da região e do Brasil, sendo destaque no telejornal local da própria emissora, mas também em telejornal de rede nacional da TV Globo. Para entender como o episódio foi noticiado nos diferentes âmbitos – local e nacional, utilizamos a análise da materialidade audiovisual proposta por Iluska Coutinho (2016), tomando a cobertura em vídeo como uma unidade de texto, som, imagem, tempo e edição. Como aspectos avaliados destacam-se: tempo dedicado para abordar o assunto da agressão; duração da exploração do vídeo do flagrante; outros conteúdos relacionados ao tema veiculados; recursos utilizados para narrar o fato; espaços de fala e personagens com direito à voz.

Na época da agressão os telejornais da Rede Integração em Minas Gerais eram exibidos em conjunto entre diferentes regiões do estado, como estratégia de produção durante a pandemia. O telejornal MG2, gerado naquele dia pela TV Integração Juiz de Fora, exibido não só para a Zona da Mata e para o Campo das Vertentes, mas também para o Triângulo Mineiro, deu destaque ao fato ocorrido já na escalada⁵ de abertura. A apresentadora Érica Salazar chamou um resumo do fato, em estúdio, convidando o telespectador a entender o que aconteceu com a equipe; aquela edição do MG2 tinha 25 minutos e 30 segundos – tempo a ser dividido com as demais regiões da rede Integração, em três blocos noticiosos. O primeiro, de sete minutos e três segundos, foi dividido entre a escalada, a vinheta de abertura, um VT⁶ gravado em Juiz de Fora, outro em Barbacena, e um terceiro em Uberlândia. O segundo bloco, de oito minutos e 52 segundos, foi dividido entre: uma nota seca⁷ sobre um assunto estadual, um VT também de interesse estadual, a previsão do tempo, artes sobre casos e mortes por Covid-19 e um VT sobre a doença.

Por fim, o último bloco, com nove minutos e 35 segundos, foi dividido entre um vivo⁸ de Uberlândia e um VT de Barbacena. Este último, que era gravado quando a equipe foi agredida. Após a exibição do VT, o telejornal dedicou o restante do tempo para a exibição das imagens da agressão à equipe de Barbacena, narrando posteriormente o recebimento, pela emissora, de notas de posicionamento e de repúdio.

Dos 25 minutos e 30 segundos de conteúdo noticioso, quatro minutos e 25 segundos foram dedicados ao episódio de agressão, o que corresponde a 17,32% de toda a edição. Já dentro do tempo total destinado ao assunto, um minuto e nove segundos foram utilizados para narrar o acontecimento por meio de uma nota coberta⁹. Ainda neste tempo, há de se considerar uma subdivisão entre 33 segundos utilizados para a exibição do vídeo flagrado pela repórter e outros 36 segundos destinados à cabeça¹⁰ e à nota pé¹¹, com complementos do acontecimento. Outros 13 segundos foram utilizados para falar,

⁵ “Escalada” é o material que traz o resumo dos principais assuntos que serão abordados no telejornal.

⁶ “VT” vem da expressão “videotape”, equipamento responsável por gravar o sinal de áudio e vídeo gerado de uma câmera. Atualmente, o termo é utilizado para identificar uma reportagem editada.

⁷ “Nota seca” é a notícia lida pelo apresentador sem nenhuma ilustração ou imagem.

⁸ “Vivo” é a expressão utilizada para a matéria telejornalística realizada em tempo real, sem edição prévia.

⁹ “Nota coberta” é uma notícia curta, gravada e coberta por imagens.

¹⁰ “Cabeça” é o texto lido pelo apresentador antes de exibir o VT, para chamar a matéria telejornalística.

¹¹ “Nota pé” é o texto lido pelo apresentador após a exibição do VT, como complemento de informação.

separadamente, do estado de saúde do cinegrafista. Todo o restante do tempo destinado ao assunto - três minutos e três segundos - foi dedicado às notas de sindicatos, instituições e da própria emissora. Percebe-se, portanto, que as notas tomaram mais tempo do espaço dedicado ao assunto, em detrimento da exploração do vídeo da agressão.

Gráfico 1 – Tempo do MG2 destinado à notícia da agressão à equipe de Barbacena

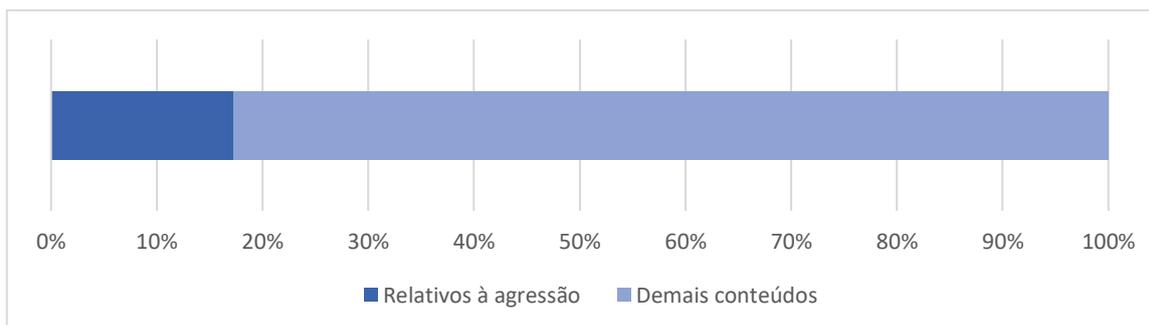
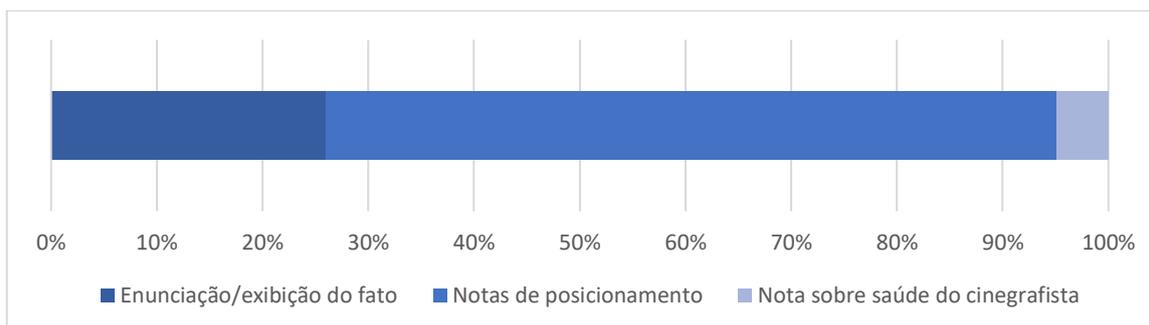


Gráfico 2 – Divisão do tempo destinado ao assunto, por exibição do fato e posicionamentos



Na cabeça de apresentação do tema, ao chamar a nota coberta, a apresentadora localiza o acontecimento e começa a descrevê-lo; o início da ação agressiva não foi filmado.

E enquanto produzíamos essa reportagem em Barbacena, que você acabou de assistir, nossa equipe foi agredida. Eles trabalhavam fazendo imagens na rua Santos Dumont, no bairro São José, região central de Barbacena, em frente à Epcar, quando um homem parou o carro e começou a agredir verbalmente os jornalistas. O resto da ação foi filmado. (MG2, 20/05/2020)

Se a característica principal da narrativa é a criação de um conflito (ou a tradução do mesmo, se já existente), para Coutinho (2012), é na cabeça – ou na chamada – de cada matéria que a ação é evidenciada, uma apresentação que causa expectativa.

[...] Nos telejornais esse “marco inicial”, de apresentação inicial do conflito, ocorre no texto de abertura das matérias, interpretado pelos locutores-apresentadores como uma espécie de “convite” ao acompanhamento do VT. Talvez por isso, no jargão profissional, esse elemento de composição do telejornal receba o nome de “chamada” ou “cabeça de apresentação”. (p. 138)

Cabe destacar aqui a condução da apresentadora, como um recurso utilizado. É o apresentador que faz a mediação do espetáculo televisivo e o telespectador, para que o conteúdo seja entendido e haja aproximação. Coutinho (2012, p. 109), ao abordar o drama no telejornalismo, destaca que “o estudo da dramaturgia se voltaria não apenas para o texto de origem, como também para os meios cênicos empregados em sua encenação”. Essa identificação se dá pela expressividade e pelos gestos, que facilitam a compreensão do fato e demonstram a seriedade do ocorrido. Érica Salazar, ao dizer “[...] ao fazer essa reportagem, nossa equipe foi agredida[...]”, dá ênfase na palavra “agredida”, categorizando a agressão como uma atitude que chama atenção. Ademais, essa informalidade construída ao longo do tempo está também evidenciada no texto televisivo cada vez mais “falado”. É possível perceber que o texto utilizado, coloquial e objetivo, auxilia no entendimento. É como se contássemos, informalmente, para um amigo.

Aliás, outro fator determinante no entendimento da notícia durante a condução da apresentadora foi ressaltar que “[...] o resto da ação foi filmada”, evidenciando a materialidade audiovisual da ação agressiva e convocando os telespectadores a verem com os próprios olhos. É como se dissesse: “vejam vocês mesmos”. Os enquadramentos utilizados foram, em sua maioria, mais fechados no rosto e nas mãos da apresentadora, dando enfoque para a seriedade do assunto expressa no rosto de Érica Salazar.

Na íntegra, o material em vídeo tem cerca de 54 segundos, como repercutido em outros veículos de comunicação. A opção editorial foi de explorar 33 segundos do registro, fazendo recortes de momentos que mostram os golpes deferidos pelo agressor no cinegrafista. É comum que se utilize apenas os trechos considerados mais importantes do conflito na hora de se estruturar e exibir a narrativa. Coutinho (2012, p. 131), ao citar pesquisas realizadas por autores de obras sobre telejornalismo, destaca que “as conclusões apontam para uma orientação por eventos no telejornalismo, o que levaria os jornais televisivos a apresentarem apenas os momentos mais intensos dos conflitos sociais”. As imagens do flagrante da agressão foram narradas pela apresentadora da seguinte forma:

Ele avança sobre o repórter cinematográfico Robson Panzera, toma o equipamento da reportagem e reage à tentativa do jornalista de recuperar o material. Com o tripé da câmera, ele atinge o cinegrafista e depois chuta a câmera. Ele tranquilamente sai do local e vai embora de carro. O repórter cinematográfico foi levado para a Santa Casa de Misericórdia de Barbacena para ser atendido. O agressor identificado como Leonardo Rivelli, empresário, foi levado preso pra delegacia. (MG2, 20/05/2020)

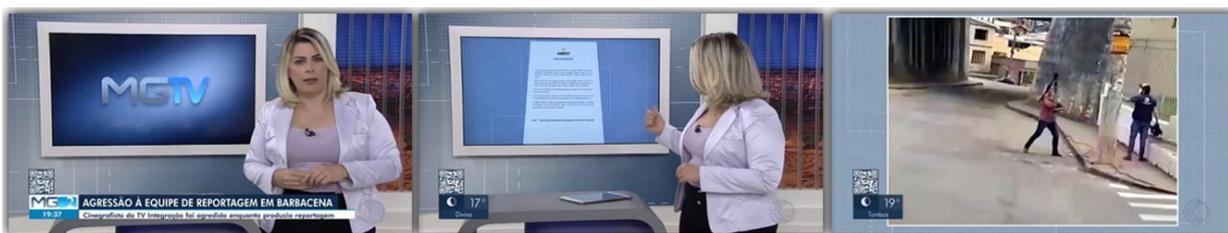
Mesmo sem repetir o momento da agressão, Érica Salazar enfatizou determinados momentos do episódio, descrevendo detalhes das imagens, uma maneira de dar ênfase ao que está sendo mostrado. A escolha foi por destacar o avanço do agressor sobre o cinegrafista; o golpe com tripé, instrumento de trabalho, assim como a câmera atingida com chutes. Se as câmeras de TV seriam os olhos da população, eles também estariam sendo atingidos. Sem o equipamento não era possível acesso a uma realidade que o agressor não queria ver na tela. Para além da questão simbólica, em nota pé, a apresentadora informou que o empresário pagou fiança de mil reais, sendo liberado em seguida, embora tenha sido aberta investigação pelos crimes de dano qualificado e lesão corporal; o advogado do agressor preferiu não se pronunciar.

Em seguida, houve a exibição das notas de repúdio, que mereceram, à escolha editorial, uma arte visual chamada no telão, evidenciando a importância daquele conflito. O posicionamento da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) foi abordado em 22 segundos; outros 19 segundos para a mensagem da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji); 26 segundos para a Associação Mineira de Rádio e Televisão (Amirt), e 19 segundos para nota conjunta dos veículos do Campo das Vertentes. Por fim, uma nota seca de 23 segundos com a posição do Sindicato de Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora e da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Em seguida, a apresentadora levou cerca de 13 segundos para atualizar o estado de saúde do cinegrafista. Ao relatar que “[...] ele teve uma lesão no dedo e um corte na mão [...]”, Érica Salazar levanta as sobrancelhas demonstrando seu sentimento diante dos ferimentos do colega. Ao falar sobre o “[...] desejo de rápida melhora [...]”, Érica Salazar posiciona o corpo mais à frente e dá ênfase na palavra “rápida”, com entusiasmo, demonstrando o desejo pela recuperação do cinegrafista. Por fim, ela destaca que essa melhora precisa ser rápida para que ele volte rapidamente à “[...] atividade de informar [...]”, com muita ênfase na palavra “informar”. Érica chega a separar a palavra em sílabas

(in-for-mar), pausadamente, como modo de destacar a palavra e fazer relação ao trabalho da equipe. A apresentadora encerra a edição desejando “[...] força Panzera”. O último conteúdo da edição é a leitura da nota da emissora, assinada pelo diretor de jornalismo. De um total de três minutos dedicado às notas, 35 segundos foram para o editorial do Grupo Integração; repórter e cinegrafista não tiveram depoimentos registrados.

Figura 2 – Enunciação/exibição da agressão e das notas de repúdio



Fonte: Globoplay

Hora 1: a repercussão nacional do ataque à equipe de reportagem

O episódio foi destaque em rede nacional, na edição de 21 de maio de 2020 do telejornal Hora 1, o primeiro noticioso diário da TV Globo, que vai ao ar às quatro horas da manhã. A edição tomada como objeto teve uma hora, 52 minutos e 37 segundos de duração. A agressão à equipe de Barbacena não foi destaque na escalada. O telejornal foi dividido em três blocos. O primeiro teve 34 minutos e 12 segundos; destes 45 segundos foram dedicados ao episódio da agressão da equipe de TV em Barbacena (0,66% do telejornal). Cabe destacar que o telejornal utilizou o formato de VT somente para assuntos nacionais, dedicados à política, violência, educação, à Covid-19 e para assuntos mundiais. Todo o restante foi tratado em formatos de vivo, stand-up, loc off, nota seca e participações em estúdio. A agressão aos profissionais da imprensa não contou com uma reportagem específica, mas integrou uma lapada¹² sobre acontecimentos nacionais.

A opção editorial foi de dar a notícia ao abordar outro episódio de violência, logo após a exibição de uma reportagem sobre as investigações da morte do menino João Pedro de 14 anos, baleado dentro de casa no Rio de Janeiro. Ao final do VT, o apresentador Roberto Kovalick comenta: “Mais um sonho interrompido pela violência”, e em seguida enuncia a agressão aos jornalistas. Ele diz: “Um outro assunto agora: uma equipe da TV

¹² Lapada é o resumo de vários fatos em um único clipe de imagens, podendo ser narrado em off.

Integração Afiliada da TV Globo em Minas Gerais foi vítima de agressão durante uma reportagem na cidade de Barbacena”. Percebe-se que o enunciado foi mais reduzido (9”) que o do telejornal local (19”). A lapada (formato de nota coberta) contou com assuntos nacionais variados; além da agressão à equipe de TV foram noticiados: a apreensão de 28 toneladas de maconha em uma rodovia no Mato Grosso do Sul, a manifestação de jangadeiros em uma praia de Maceió em homenagem às vítimas da Covid-19, e a recuperação de pacientes idosos pelo Brasil, que ficaram internados com o novo Coronavírus. A lapada teve ao todo dois minutos e 10 segundos de duração, divididos entre os quatro assuntos. Desse total, os 45 segundos destinados à agressão da equipe correspondem a 34,62% da lapada. A nota coberta sobre o fato utilizou as imagens feitas pela repórter Thaís Fullin no momento da agressão. O texto, gravado por outro jornalista da emissora que não aparece na matéria, também se assemelha àquele do noticiário local:

O agressor avança sobre o repórter cinematográfico Robson Panzera, toma o equipamento, e reage à tentativa do jornalista de recuperar o material. Ele usa um tripé pra atingir o cinegrafista, e depois chuta a câmera. O repórter cinematográfico foi levado para a Santa Casa. Ele teve uma lesão no dedo e um corte na mão. O agressor foi identificado como Leonardo Rivelli, empresário do ramo alimentício. Ele foi preso em flagrante, mas pagou fiança e foi liberado. O agressor vai responder pelos crimes de dano qualificado e lesão corporal. (HORA 1, 2020)

No caso do Hora 1, a opção editorial também foi por explorar 33 segundos do registro com os mesmos recortes da afiliada local. Os detalhes enfatizados no texto tiveram poucas diferenças do local. A mais importante delas é que, no MG2, a apresentadora diz que o agressor “sai tranquilamente” do local depois da agressão, expressão omitida no Hora 1. Também é possível perceber que o tom de voz da apresentadora do MG2 demonstra mais indignação com o ocorrido. No caso do Hora 1, nenhuma nota de posicionamento ou repúdio foi noticiada. Nota-se que no telejornal local, a informação de que o agressor teria sido liberado após pagar fiança foi noticiada em nota pé pela apresentadora, ao passo que no noticioso nacional as informações foram incluídas dentro da nota coberta, como forma de resumir o fato e integrar a lapada com os assuntos diversos sem que retornasse ao apresentador para falar especificamente deste caso. No Hora 1, não foram mencionados: a abertura de investigação, a decisão do advogado do agressor por não se pronunciar e depoimentos da repórter e do cinegrafista.

Considerações finais

Nesta análise, foi possível entender como o caso de agressão foi repercutido no telejornal da própria emissora da qual os profissionais fazem parte, bem como a abordagem utilizada em rede nacional de TV aberta. Ambos os telejornais deram visibilidade à agressão sofrida pelos profissionais, se atendo ao fato registrado pelas imagens do flagrante e pelas informações da polícia. Nas duas situações, o cinegrafista e a repórter não tiveram sua voz inserida nas narrativas audiovisuais. As notas de posicionamento e repúdio foram editadas e resumidas. Mesmo assim, no MG2, a maior parte do tempo dedicado ao caso foi para ocupado com publicização das notas de repúdio e de condenação ao ataque; tais notas não foram noticiadas no Hora 1.

De um modo geral, os dois telejornais consideraram o fato como notícia, a partir do critério de noticiabilidade a ele agregado, considerando a seriedade de um ato violento, um crime que representa também uma ameaça à liberdade de imprensa e à democracia. No telejornal local, houve um tempo maior dedicado ao ocorrido, além dos recursos visuais utilizados para destacar o episódio e os posicionamentos enviados à emissora. O tom de proximidade e mesmo de empatia também foi maior no programa exibido pela própria emissora afiliada. Na cobertura do Hora 1, Roberto Kovalick foi mais objetivo e formal em sua fala; relata uma agressão à equipe de reportagem, cidade do fato acontecimento e emissora em que atuam os jornalistas. No MG2, a apresentadora Érica Salazar localiza com mais detalhe o acontecimento, fala a rua e o bairro, e demonstra pertencimento e sentimento ao dizer “a nossa equipe de reportagem foi agredida”. E ainda dá mais detalhes, ao dizer que, antes da agressão registrada em vídeo, a equipe foi, também, insultada verbalmente.

Os personagens da narrativa ficam evidentes: o vilão é o empresário agressor, nos dois noticiários, mas a vítima, tem natureza distinta. No telejornal local a equipe de reportagem, cinegrafista e repórter tem nome, e são identificados (o que pode suscitar reações de empatia). Na cobertura nacional, apesar de o telejornal ter evidenciado a agressão à equipe, não houve tanto enfoque nos profissionais nem foram mencionadas as agressões verbais que antecederam a violência física. Na narrativa em rede, o personagem principal, o alvo do ataque é a própria emissora; localmente o relato é mais humanizado.

A apresentadora se utiliza de ênfase nas palavras, expressões no rosto e gestualidades que demonstram seu descontentamento com a agressão, reforçando um sentimento de indignação que é compartilhado na tela com o público que assiste. O registro se torna mais pessoal; fica claro, aos olhos do público, que os profissionais agredidos são parte daquela TV e não apenas uma equipe de imprensa. É possível identificar um jornalismo de proximidade, comprovando o que Coutinho (2012) destaca como sendo, o telejornalismo local, um fundador de vínculo social, de compartilhamento de uma mesma realidade regional entre aqueles que recebem o sinal da TV.

Ademais, no local, se abordou, com mais ênfase, a saúde do cinegrafista, a indignação de órgãos que defendem à classe trabalhadora dos jornalistas, e ainda os detalhes sobre o destino do agressor. O caso foi destaque na escalada do telejornal, local em que poucas notícias costumam estar – geralmente, as mais selecionadas e consideradas de maior relevância. No Hora 1, o caso não foi destaque na escalada. Apesar de, geralmente, se abrir um telejornal com matérias de maior peso, identifica-se, neste caso, a opção editorial do telejornal local por encerrar a edição com o assunto, chamando o telespectador – tanto na escalada quanto na passagem de bloco – para acompanhar o ocorrido. Houve um posicionamento estratégico para o fato, ao passo que, no Hora 1, o conteúdo ficou entre vários outros assuntos e, além disso, foi unificado a outros conteúdos diversos em um único material. Há de se enfatizar, no entanto, que se optou editorialmente por deixar o episódio da agressão próximo a um material de violência.

Por fim, é importante destacar o papel do jornalismo como responsável por evidenciar episódios que fujam da normalidade, do cotidiano, a partir de evidências. Neste caso, a materialidade do fato, na gravação feita pela repórter, garantiu ampla cobertura do fato nos telejornais da TV Integração e da TV Globo, bem como em outros meios de comunicação do Brasil. Fica cada vez mais evidente a necessidade de se registrar e de mostrar episódios como este. Se em um determinado momento, era raro obter um registro como este, com o crescimento exponencial da tecnologia e da internet, se torna mais fácil e comum materializar por meio audiovisual um ataque a uma equipe de imprensa.

A cobertura televisiva de casos como esse pode trazer à tona uma complexidade de consequências ligadas à privação do trabalho da imprensa. Por meio do registro que é veiculado em diferentes mídias, e compartilhado em redes sociais de profissionais, entidades e do público, é possível explicitar a dificuldade de profissionais do audiovisual

na busca cotidiana pela informação. As narrativas do episódio ainda destacam a relevância da mídia televisiva para a sociedade, manifesta nas cartas de apoio recebidas, que buscam transformar o episódio em um fato histórico, a não ser repetido.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo, Brasil: Contexto, 2013.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do Telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, I. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: **Anais XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2016, São Paulo, SP. Anais [...]. São Paulo, Brasil: USP, 2016.

COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual - Da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In EMERIM, C; COUTINHO, I & FINGER, C. **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. pp.175-194

COUTINHO, I.; MATA, J.; PEREIRA, G. Democracia e qualidade no jornalismo audiovisual: diálogos TV-internet e o quinto poder. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 17, nº 1, 2020.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil**: relatório 2020. Brasília, 2021. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

HAGEN, S. Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In: VIZEU, A. (org). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 29-45.

MUNIZ, W. Da fofoca à pós-verdade: estudando boatos e comportamentos negacionistas nas mídias sociais. In: SILVA, T.; BUCKSTEGGE, J.; ROGEDO, P. (orgs.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018. p. 359-373.

PNAD Contínua - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

VIZEU, A. **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.